

## RESENHA – REVIEW - RESEÑA

### PAUL RICOEUR E A INTERPRETAÇÃO DO MAL

### PAUL RICOEUR AND THE INTERPRETATION OF EVIL

### PAUL RICOEUR Y LA INTERPRETACIÓN DEL MAL

RICOEUR, Paul. **A simbólica do Mal**. Tradução de Hugo Barros & Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2013, 383 p.

O filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) foi criado em um ambiente familiar de tradição calvinista. Recebeu uma educação austera e desde a juventude apresentava as principais características de um leitor disciplinado. Segundo o historiador José Carlos Reis (2011, p. 233), no começo de sua formação intelectual, “o jovem Ricoeur se deu como missão, quando crescesse, a defesa de uma ética e de uma política que visasse diminuir o Mal no mundo”. Nesses termos, a imagem póstera que Ricoeur deixou, para o século XXI, foi a de um pensador europeu que conseguiu conciliar uma vida acadêmica intensa, tendo sido professor de instituições como a Sorbonne, Nanterre, Louvain-la-Neuve e Yale; autor de obras importantes como os três tomos de *Tempo e narrativa* e *A história, a memória, o esquecimento*, além de ter uma participação política ativa em causas humanitárias importantes.

As reflexões de Paul Ricoeur sobre a temática do Mal, traduzidas para o idioma português, apareceram no mercado editorial em 1988. O texto da conferência *O Mal: um desafio à teologia e à filosofia*, pronunciada na Faculdade de Teologia de Lausanne, em 1985, foi traduzido para o português por Maria Eça de Almeida e editado pela Papyrus. Nessa fala, o filósofo francês sugere que, nas sociedades modernas, uma das principais causas do sofrimento físico e moral dos indivíduos é desencadeada pela “violência exercida sobre o homem pelo homem: em verdade,



fazer o mal é sempre, de modo direto ou indireto, prejudicar outrem, logo, é fazê-lo sofrer” (RICOEUR, 1988, p. 24).

O conceito de Mal, ao longo da história da filosofia, sempre exige que os estudiosos da condição humana se proponham a pensar em tudo aquilo que acaba sendo impensável. Quer dizer, esse fenômeno não encarna apenas uma mera oposição binária aos desígnios de Deus que, na cosmovisão cristã, é a alegoria suprema do bem. Influenciado pelas reflexões de Santo Agostinho, mas propondo ir além de seus postulados, Ricoeur salientou que o Mal não implica somente na ausência do ser, mas na sua corrupção e destruição. Dentro dessa perspectiva, para o autor, não basta apenas especular sobre a dimensão teológica desse conceito. É preciso atuar “ética e politicamente contra o Mal” (Id., pp. 48-9).

O livro *A simbólica do Mal*, nesse sentido, pode ser considerado uma importante fonte de pesquisa para filósofos e outros estudiosos das Ciências Humanas preocupados em compreender melhor a trajetória intelectual de Ricoeur, bem como em compreender este conceito. Essa acabou de ser traduzida para o português por Hugo Barros e Gonçalo Marcelo e lançada pela Edições 70, de Lisboa. É composta por uma série de ensaios retirados do segundo tomo de *La Philosophie de la Volonté: finitude et culpabilité*, publicado, originalmente, em 1960. Está dividida em duas partes: na primeira, “Os símbolos primários: mancha, pecado, culpabilidade”, Paul Ricoeur elaborou um tipo de fenomenologia<sup>1</sup> do Mal. Na segunda, “Os mitos do princípio e do fim”, o filósofo interpreta as implicações simbólicas de vários mitos ocidentais que abarcam a problemática do trágico e da dialética entre o sofrimento carnal e psíquico.

Nesse sentido, destaco aqui as considerações de Ricoeur sobre a importância da função simbólica que os mitos clássicos possuem para as sociedades ocidentais,

---

<sup>1</sup> Entre 1934 e 1935, o então jovem Ricoeur aproximou-se bastante do professor de filosofia do liceu de Rennes: Roland Dalbiez, que foi uma espécie de mentor no começo de sua vida intelectual. O autor de *Tempo e narrativa* foi apresentado por Dalbiez a um grupo de intelectuais cristãos que se encontrava semanalmente para debates marcados pelo diálogo e fraternidade. É nesse contexto de sociabilidades que o pensador descobriu a filosofia de Edmund Husserl (1859-1938), tornando-se, ao longo da carreira, o principal tradutor e interlocutor de seu pensamento na França. A fenomenologia de Husserl, ao propor a análise empírica do funcionamento da consciência humana, foi útil ao propósito teórico de Ricoeur: transitar entre aporias, acolher diferenças e contradições, mas sem ecletismos. Na década de 1960, Ricoeur foi rejeitado pelos estruturalistas, existencialistas sartrianos e psicanalistas lacanianos. Entretanto, continuou a exercitar esse método de filosofar pautado no diálogo e respeito mesmo aos seus mais ferrenhos adversários. (Cf. REIS, 2011, p. 236-37)

Para nós, modernos, o mito é *apenas* mito porque nós já não podemos religar esse tempo ao tempo da história, tal como a escrevemos segundo o método crítico, nem sequer ligar os lugares do mito ao espaço da nossa geografia; é por isso que o mito já não pode ser uma explicação; excluir a sua intenção etiológica, eis o motivo de qualquer desmitologização necessária. No entanto, ao perder as suas pretensões de explicação, o mito revela a sua capacidade de exploração e de compreensão, aquilo a que chamaremos a sua função simbólica, ou seja, o seu poder de descobrir, de desvelar o elo entre o homem e o seu sagrado. Por mais paradoxal que isto possa parecer, o mito, desmitologizado desta maneira pelo contacto com a história científica e elevado à dignidade de símbolo, é uma dimensão do pensamento moderno. (RICOEUR, 2013, p. 21-22)

Tentando aqui fazer uma tradução dessas premissas teóricas para uma linguagem mais acessível, o autor de *A simbólica do Mal* tomou como desafio intelectual atravessar o labirinto formado pelos signos das culturas hebraica, helênica e cristã, usando textos sacros como guias, no intuito de compreender como as noções antigas de impureza, pecado e culpa se ramificaram com tanto vigor, no imaginário ocidental, alcançando inclusive a modernidade e nosso próprio tempo. A linguagem sobre a culpabilidade torna-se, portanto, para Ricoeur, um artefato fundamental para a edificação de suas reflexões sobre o Mal porque esse pensador está preocupado em analisar como ela está entranhada por formas de tradições capazes de estabelecerem nexos entre diferentes culturas temporais e geográficas. Como exemplo, mencione-se alguém que faz esse comuníssimo questionamento: “dado que sofro desse insucesso, esta doença, este mal, que pecado terei eu cometido? Nasce a dúvida; a aparência dos atos é posta em questão” (Id., p. 57).

Com muita erudição, Ricoeur se desloca pelos campos da linguística, hermenêutica, historiografia e se vale também de recursos da antropologia para tratar do tema que se propôs a abordar. O filósofo escolheu como um dos seus pontos de partida decifrar a simbologia por trás de códigos religiosos que associam o assassinato a mancha, a sujidade. No contexto da Grécia clássica, por exemplo, o sangue que escorria da vítima de um criminoso não infetava apenas o local no qual esse ato foi perpetrado. A sangria contaminava e manchava socialmente também o assassino. Daí os exílios e os banimentos públicos desses transgressores dos códigos morais que regiam a vida comunitária nas urbes antigas. Essas práticas foram instituídas pelos administradores, oráculos e juristas gregos e também representadas em narrativas pelos poetas no intuito de assegurar, também em uma dimensão simbólica, que os desvios individuais não maculassem outros cidadãos.

O triedro “mancha, pecado, culpabilidade”, de acordo com o autor, foram os alicerces para a “ritualização, sedimentação” de “uma consciência escrupulosa” (Id., p. 154) percebida ao longo da história do Ocidente. Porém, não são poucas as alegorias, elencadas pelo filósofo a partir de textos bíblicos, nas quais essa consciência escrupulosa fracassa. Essa derrota da ética se desdobra, segundo o pensamento de Ricoeur, no conceito moderno de hipocrisia. Para o autor, “a hipocrisia é como que a caricatura do escrúpulo” (Id., p. 155). Nesse sentido, diante do impasse criado pela constatação de que o Mal está presente ao longo de toda a trajetória da humanidade, Ricoeur fez a defesa de um tipo de ética baseada em princípios religiosos, porém desprovida de dogmatismos. De acordo com as palavras do autor, os símbolos da maldade representam “a corrupção, o obscurecimento, a fealdade de uma inocência, de uma luz e de uma beleza que, ainda assim, continuam a existir. Por mais *radical* que seja o mal, ele nunca conseguirá ser tão *originário* como a bondade” (Id., p. 175).

Na segunda parte de *A simbólica do Mal*, intitulada “Os ‘mitos’ do princípio e do fim”, Ricoeur elucida, primeiramente, que a “função dos mitos do mal é a *englobar* o conjunto da humanidade numa história exemplar” (Id., p. 180). Em seguida, frisa bem que a condição universal da humanidade é mais bem apreendida, justamente, por meio das mitologias criadas para representarem culturalmente as gêneses e apocalipses das civilizações. O autor explica as razões que o levam a investigar a temática do Mal por meio dos mitos e não de alegorias. Segundo Ricoeur, a alegoria não é tão eficiente quanto o mito enquanto forma de saber sobre a experiência humana: “aquilo que a alegoria mostrava ao mesmo tempo que o escondia, pode ser dito num discurso direto que a substitui” (Id., p. 181).

Nesses termos,

A plenitude que o mito visa simbolicamente é instaurada, perdida e restaurada perigosamente, dolorosamente. Logo, ela não é dada: não só porque é significada e não vivida, mas porque é significada mediante um combate. O mito, como aliás o rito, recebe deste drama original a discursividade especial de narrativa. (Id., p. 187)

Para Ricoeur, as narrativas míticas que buscam explicar a gênese e o fim das civilizações são fontes privilegiadas para se investigar os significados do Mal. Os sumérios já possuíam uma mitologia que associava o surgimento dos seres humanos a dor e ao sofrimento. Nessa teogonia, o homem surge em meio ao

sangue que escorreu dos corpos de deuses derrotados após uma guerra entre divindades e tem como dever existir para servir os vencedores desse conflito.

A cultura hebraica, segundo o autor, estabeleceu um tipo de novidade na mítica da criação ao introduzir, nessa narrativa, as imagens do grande Rei, do Profeta que está autorizado a falar em seu nome e de Adão, que é o componente antropológico do mal humano. Já a potência dos mitos helênicos reside na configuração de enredos trágicos para explicar o fenômeno da gênese humana. O trágico foi inventado pelos gregos para explicar que a finitude – ou a morte – é o destino inexorável do homem e os deuses são indiferentes em face desse drama. Nas obras de Ésquilo, por exemplo, “o trágico propriamente dito não surge senão quando o tema da predestinação ao mal – para o chamar pelo seu nome – encontra o tema da grandeza *heroica*” (Id., p. 236).

Ricoeur conclui sua densa obra com um breve apêndice intitulado “O símbolo dá o que pensar”. Essa expressão condensa bem suas pretensões, pois uma das mais preciosas lições ensinadas por esse filósofo, em *A simbólica do Mal*, é a de que não existe um imaginário ocidental contemporâneo desenraizado, de tempos mais remotos, solto por aí. Pensar sobre o Mal, seus signos antigos e sua atualidade gera também essa constatação: “o símbolo dá: uma filosofia instruída pelos mitos surge num certo momento da reflexão, e, para lá da reflexão filosófica, deseja dar resposta a uma certa situação da cultura moderna” (Id., p. 366). Para compreender melhor qual é a ponte que existe entre as narrativas clássicas sobre o Mal e o contemporâneo, acredito ser necessário recorrer a outro recente livro desse autor.

A publicação póstuma dos manuscritos de Ricoeur feitos a partir do verão de 2003, já quando estava em estado físico bastante debilitado, demonstra que esse pensador reuniu suas últimas forças para meditar, mais uma vez, sobre a finitude. Em *Vivo até a morte: seguido de fragmentos*, o autor elaborou um tipo de diário no qual reflete sobre o imaginário ocidental criado em torno da morte para pensar sobre a questão da sobrevivência e em sua própria condição terminal. A defesa de uma postura calcada na empatia que deve ser nutrida pelo próximo em relação à luta do moribundo pela vida, mesmo na agonia, faz Ricoeur se remeter ao tocante episódio que envolve a morte do sociólogo francês Maurice Halbwachs, em 1944, no campo de concentração de Buchenwald. Segurando a mão do amigo Halbwachs, em seus momentos finais, o escritor Jorge Semprún, em lugar de uma prece, recita os

seguintes versos de Baudelaire: “Ó morte, velho capitão, é hora, levantemos âncora.../Nossos corações que tú conheces estão cheios de luz...” (Cf. RICOEUR, 2012, p. 18).

De acordo com o testemunho de Semprún, nesse momento, antes de falecer, Halbwachs esboçou um morrente sorriso de alegria. Essa morte assistida por laços fraternos, segundo Ricoeur, torna o processo da finitude mais suportável. Nesse sentido, essa obra também é fundamental para se compreender o conceito construído por esse filósofo sobre o insólito porque, em *Vivo até a morte*, o autor esclarece que, na modernidade, o Mal radical é aquele que transforma o assassinato em um processo anônimo e burocrático: “a ameaça de morte, dirigida contra você” precisa ser “posta sob o signo do Mal absoluto, enquanto oposto à fraternidade” (Id., p. 23).

## REFERÊNCIAS:

RICOEUR, Paul. **A simbólica do Mal**. Tradução de Hugo Barros & Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2013.

\_\_\_\_\_. **Vivo até a morte**: seguido de fragmentos. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Mal**: um desafio à filosofia e à teologia. Tradução de Maria Eça de Almeida. São Paulo: Papirus, 1988.

REIS, José Carlos. **História da “consciência histórica” ocidental contemporânea**: Hegel, Nietzsche, Ricoeur. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

### Por:

#### Joachin Azevedo Neto

Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Bolsista pela CAPES. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: [joaquimmelo@msn.com](mailto:joaquimmelo@msn.com)

#### Resenha:

Recebida em Outubro de 2013  
Aceita em Novembro de 2013